



O 25 de Abril de 1974 no Centro de Comunicações
da fragata « Almirante Gago Coutinho »

Depoimento de Joaquim Augusto Marques,
sargento reformado da Marinha, em 3.8.94

Conheci o Comandante Louçã como instrutor do meu curso do 1º grau em 1952, e depois estive embarcado com ele pela primeira vez em 1956, altura em que ele era imediato do patrulha Funchal.

Já nessa época o Comte Louçã era um oficial exigente e que ia muitas vezes à cabine de TSF, preocupado com a eficiência e segurança do navio. Exigente, mas simultaneamente humano como pude comprovar aquando do nascimento do meu 1º filho, pois estando para sair com o navio, tive por seu intermédio, a possibilidade de ficar em terra e acompanhar a minha mulher.

Em 25 de Abril de 1974, prestava serviço na fragata « A Gago Coutinho » - então comandada pelo Comte Louçã - como responsável pelo Centro de Comunicações (cabina TSF).

Foi dessa forma que recebi a comunicação de um oficial do MFA, preocupado com a posição estratégica do navio e com a possibilidade deste poder fazer fogo sobre o Terreiro do Paço. Nessa comunicação garantiu que todas as unidades estavam com o Movimento e que só o nosso navio não se sabia e que por essa

J. Louçã

razão tínhamos as armas do Forte de Almada e as peças do Terreiro do Paço e as instaladas no Cristo Rei apontadas contra nós. Mandou-nos baixar as peças e sair a Barra. Que só queria garantir a adesão do navio e que este não faria fogo. Nunca pediu para falar com o Comte Louçã.

O imediato Caldeira Santos estava comigo na cabine e manifestava sinais de nervosismo evidentes, sem saber o que dizer ao oficial do Movimento. Estou consciente que empurrei o imediato para uma resposta, caso contrário ele não se tinha decidido:

- « Diga-lhes que o navio não fará fogo »

Ele fê-lo.

Não me lembro quando se realizou e se assisti ou não a uma reunião do imediato com parte dos sargentos que não estavam de quarto e em que foram trocadas impressões sobre a eventualidade de ser recebida uma ordem de fogo.

Era evidente para mim que nada do que se estava a passar (apesar da preocupação reinante) indiciava a preparação para o combate. As peças de artilharia estavam levantadas na vertical e não tinha tocado a postos de combate, pelo que nem sequer estavam guarnecidas. Para além disso, conhecia bem o Comte Louçã e sabia que ele não simpatizava com o regime e sobretudo que nunca faria fogo sobre o Terreiro do Paço onde se avistavam muitos civis confundidos com os militares do exército.

O Comte Louçã nunca deixou de ter o comando do navio e eu não tive quaisquer dúvidas sobre a resposta que o imediato deveria dar ao oficial do Movimento:

- « Diga-lhes que o navio não fará fogo »

E nunca estive para fazer!

João de Deus Marques